CINEMA

Filmes curtos, mundo cada vez menor

16- edição do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo consolida a diversidade e abre-se definitivamente para o vídeo digital

ALISSON ÁVILA

Falar da entrada da produção digital no mundo do cinema, onde a película ainda reina, é mais ou menos como pensar em uma represa trincada, prestes a estourar e invadir tudo o que está do outro lado: algo totalmente inevitável. A realidade do acesso à tecnologia - - que democratiza a produção - -, aliada à profusão dos cursos de formação em cinema, causa hoje um impressionante volume de trabalho que precisa ser escoado e mostrado aos espectadores. Isso sem contar o novo universo proporcionado pelas câmeras embutidas em aparelhos celulares.

Enquanto alguns festivais ainda derrapam na negação do presente por não aceitarem produções que não tenham sido finalizadas em 35mm ou 16mm, o 16º mm, Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, que se encerrou no dia 3, segue a trilha de desbravamento aberta por eventos como a Mostra do Filme Livre (Rio de Janeiro) e o CineEsquemaNovo - Festival de Cinema de Porto Alegre para demonstrar que produção em vídeo não é sinônimo de amadorismo, falta de dinheiro ou uma arte menor. Pelo contrário: é através do vídeo e do sistema digital que a linguagem se renova com maior naturalidade, apontando para o futuro. Quando há talento, não há razões para segregar os formatos.

Divulgação

VIRADA TECNOLÓGICA

É evidente que a película gera texturas incríveis na tela e continua sendo a referência no mundo cinematográfico. O Festival de São Paulo não fugiu dessa regra ao exibir majoritariamente curtas com esse suporte, mas abriu espaço em várias de suas mostras para o vídeo digital. O processo foi deflagrado no ano passado, quando o programa Curta o Formato já contava com essa diversidade.

Mas não se trata de uma abertura simples: é preciso um corte, um conceito, uma linha que defina a seleção dos trabalhos para que não seja simplesmente uma abertura pela abertura. "Diante dessa virada tecnológica, a sensação é de que o momento também é crítico para os realizadores. É hora de delimitar espaços, discutir a realidade e fazer prevalecer o talento", conta a diretora do festival, Zita Carvalhosa, no catálogo e no site que apresentam o evento.

Ela lembra também que tal curadoria é especialmente relevante diante da quantidade de material recebido: foram quase 2 mil curtas inscritos, o que torna a escolha um verdadeiro desafio. O resultado foram quase 400 filmes exibidos, entre "aprovados" e convidados em mostras especiais.

Os realizadores também têm consciência do risco de usar o vídeo como justificativa para trabalhos de qualidade, dependendo do ponto de vista discutível. "Trabalhar em vídeo traz uma mobilidade fantástica que nunca se imaginou, mas pode ser uma brincadeira perigosa", comentou a diretora Sandra Alves, de Florianópolis, que exibiu o experimento visual Memória Emoção no programa Curta o Formato.

A atração, que teve a Rain Network Cinema Digital como apoiadora, mostrou desde o simplíssimo e cativante Roupa para Tirar Retrato, de Sérgio Roizenblit, até o excepcional Historietas Assombradas (Para Crianças Mal-Criadas), de Victor Hugo Borges, que a partir de um edital público criou uma animação de "terror" para crianças com personagens do folclore brasileiro.

O Curta o Formato já havia sido um dos programas mais instigantes do festival em sua estréia no ano passado, o que se confirmou em 2005. Merece destaque também O Fim do Homem Cordial, de Daniel Lisboa: ao simular uma exigência de um "grupo terrorista" dentro de um telejornal, o curta apresenta um jornalista chamando para um vídeo no qual alguns "marginais" falam que estão fartos "de uma Bahia órfã", em referência direta às décadas de poder da família Magalhães. A produção causou polêmica naquele Estado, a ponto de ser censurada e de causar a demissão do diretor do centro cultural onde foi exibida.

PROGRAMAÇÃO QUASE INFINITA

A mostra Panorama Brasil é a que traz a maioria dos lançamentos e pré-estréias de diretores nacionais no formato de curta, especialmente em 35mm, e é apenas a ponta do iceberg de uma vasta programação. Fazem parte dessa lista a Mostra Internacional (com filmes premiados em Cannes, Berlim, Oberhausen e Clermond-Ferrand, sendo os dois últimos os principais festivais de curta-metragem do mundo), a Mostra Latino-Americana, a seleção especial em parceria com o Mix Brasil (diversidade sexual) e a mostra Foco, que reúne produções em torno de um tema que resume a proposta cio festival a cada edição.

Em 2004 o assunto abordado foi Megacidades (merece lembrança o singelo Slow-Mo, que mostrava o choque de ritmo entre um jovem escritor em busca de inspiração e romance e a velocidade frenética das pessoas e da cidade onde vive), e em 2005, Por um Fio.

Os curadores apresentaram uma seleção de curtas falando sobre "como e por que a humanidade evoluiu com a contribuição dos meios de comunicação, ou por que está regredindo sob sua proteção". Como em uma espécie de metalinguagem sobre o tema, o festival trouxe também o programa Siemens Micromovies! patrocinado pela fabricante de origem alemã, contendo somente produções realizadas com seus aparelhos.

É praticamente impossível citar todas as atrações. Ainda há mostras brasileiras importantes, como a Formação do Olhar (que traz trabalhos de oficinas de formação em cinema e vídeo por todo o País) e todas as programações especiais, como 15 Anos de Sam Spiegel, Dark Side (filmes de horror e fantásticos), Title Design (apenas aberturas), Mostra Jameson (internacional, patrocinada pela marca irlandesa de uísque), Semana da Crítica (seleção do Festival de Cannes) e 10 Anos de Dogma, o movimento criado em 1995 na Dinamarca que tem Lars Von Trier (de Os Idiotas, Ondas do Destino, Dançando no Escuro, Dogville) como expoente maior.

O evento trouxe a São Paulo outro nome inquestionável do movimento: Thomas Vinterberg (diretor do pesado Festa de Família), que apresentou seu curta O Menino que Andava para Trás. Tudo isso com o patrocínio da Petrobras, que através das leis de incentivo banca integralmente o Festival de SP há cinco anos - - para o bem de todos os cinéfilos.

Fonte: Meio & Mensagem, ano 27, n. 1174, p.49, 5 set. 2005.